

De novo o nacionalismo

O GLOBO 29 MAI 1988

GILBERTO SOUZA GOMES JOB

Auc p4

Com relação às recentes decisões adotadas pela Assembléia Constituinte de criar obstáculos ao investimento estrangeiro, numa hora em que o País necessita urgentemente de novos investimentos para substituir a perda dos empréstimos externos, pergunto-me se os homens que estão conduzindo o País a esse impasse realmente acreditam nesse "nacionalismo" que propagam? Gostaria de saber se o líder dessa corrente na Constituinte, Senador Mário Covas, homem inteligente, enérgico e com incrível capacidade de persuasão, vê, sinceramente, no repúdio ao capital estrangeiro um caminho para a solução dos nossos problemas ou o encara como "um cavalo que passava arreado", pronto a conduzi-lo a paragens mais elevadas? Não se pode negar que isso lhe trouxe uma vitória incontestável sobre o Centrao, que o havia derrotado anteriormente no episódio do parlamentarismo. E a vingança é um prato saboroso, principalmente quando servido frio, mas... Valerá a pena liderar uma legião de pigmeus andando sobre os escombros de um país arruinado pelo populismo estatista, confundido, por desinformação, com socialismo progressista?

O coro mal entoado do Hino Nacional, puxado, paradoxalmente, por alguns militares, dispostos discretamente nos bastidores da Assembléia, não foi suficiente para iludir a todos os Constituintes, embora tenha enganado a maioria.

Não faz tanto tempo assim que o Mundo assistiu a outras fardas garbosas, com o braço erguido, saudando o nacional-socialismo que surgia avassalador na Alemanha de Hitler... Até ser barrado e anulado por forças da democracia liberal, essas mesmas que levaram a prosperidade e a bonança a todos os países onde sua mensagem foi difundida. E que fez renascer das cinzas a própria Alemanha devastada pelo fanatismo nacionalista.

Também não vão assim tão longe os dias em que a nossa classe média foi para as ruas a fim de demonstrar sua discordância com aqueles que preten-

diam nos impor "na marra" as tão propaladas "reformas de base", aliás muito parecidas com aquelas que estão sendo reempacotadas agora. E terrível pensar na possibilidade de que esse filme seja uma "reprise" de outro que se passou lá se vão 24 anos. Ou, ainda, que estamos chegando, com 15 anos de atraso, à "revolução dos cravos" e que, a exemplo de Portugal, poderemos levar outros 15 anos para sair dela.

Os nossos jovens estão indo embora. São os exilados da Nova República, desestimulados ante a perspectiva de estarem vivendo num país sem futuro. E os que ficam, estão procurando emprego numa estatal. Enquanto isso, uma pesquisa efetuada recentemente demonstrava que os temas que mais agitaram a Assembléia Constituinte não faziam parte das preocupações diárias do brasileiro comum. Seremos todos alienados?... Na verdade, fica difícil acreditar que aqueles Constituintes que buscam estender a reserva de mercado às áreas mais importantes de nossa economia estejam falando em nome dos consumidores que vão pagar esses produtos pelo triplo do seu valor. E tendo em vista que os preços se espraíam a todo o mercado, pelo princípio dos vasos comunicantes, como é que ficam os 30 milhões de brasileiros que dessa forma serão mantidos fora do mercado de consumo, no mais abjeto estado de miséria? Se temos tantos candidatos à defesa do produtor nacional, quem haverá de defender o consumidor nacional? Não é preciso ter a sensibilidade de um Tom Jobim — que aliás já se mudou para Nova York — para perceber aonde nos levou a excessiva ingerência do Estado na economia: o País está falido e prestes a se tornar ingovernável segundo ameaças dos líderes do funcionalismo estatal, que controlam todos os setores estratégicos da economia.

Recentemente Antônio Rogério Magri, Presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, declarou-se, numa entrevista à imprensa, convencido de que

ideologia não enche barriga. À mesma época, Luiz Antônio Medeiros, Presidente do poderoso Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, se dizia disposto a convocar uma greve geral se a Volkswagen fosse levada pelo Governo a deixar o País, corroborando uma antiga constatação de John Kenneth Galbraith ("A era da incerteza") de que "É MELHOR TER UMA VOLKSWAGEN NO SEU PAÍS, DO QUE NÃO TER NENHUMA VOLKSWAGEN QUERENDO VIR PARA O SEU PAÍS". Posteriormente, Giorgio Napolitano, expoente do Partido Comunista Italiano, em conferência proferida na USP, falou sobre a necessidade de que todos se habilitem a viver dentro de um mercado cada vez mais aberto e mais integrado. De passagem, lembrou que quem pegou em armas na Itália contra o fascismo sabe que o nacionalismo "costuma ser um fenômeno de direita". O jornalista Carlos Castello Branco deixou isso implícito em sua coluna do JB, quando expôs as raízes do nacionalismo brasileiro. Os nossos partidos de esquerda fariam um bem imenso ao País se enviassem seus integrantes para se reciclarem na Itália.

Apesar de Juscelino Kubitschek haver demonstrado que com a colaboração do investimento estrangeiro podíamos avançar 50 anos em 5, estamos assistindo, 30 anos depois, ao ressurgimento das teses nacionalistas em voga antes do período JK e que pareciam definitivamente enterradas pelo movimento de 64. E melancólico constatar que essa volta ao passado está sendo considerada por seus personagens como um movimento "progressista", o que corresponde a reconhecer em Leonel Brizola um profeta do seu tempo, embora talvez nem ele mais acredite nessas pregações... Pois como diria o Duque de Wellington, que viveu na Inglaterra vitoriana, muito antes de Brizola, "if you believe that, you will believe anything" (se você acredita nisso, você acreditará em qualquer coisa).